

Artigo

**A PSICOPATOLOGIA NA ÓTICA DE JUNG: CONVERGÊNCIAS E
AVANÇOS FRENTE À PSICANÁLISE**

**PSYCHOPATHOLOGY FROM JUNG'S PERSPECTIVE: CONVERGENCIES
AND ADVANCES REGARDING PSYCHOANALYSIS**

Raniele Rocha de Araújo¹

Rosélia Soares da Silva²

Erika Gabrielly de Oliveira Gomes²

Julia Beatriz Gomes de Araújo Soares²

Carlos Bezerra de Lima Júnior³

Renan Pires Maia⁴

RESUMO – A psicopatologia configura-se como um dos grandes campos de estudo dentro da psicologia, destinando-se a compreender a natureza das desordens psíquicas, suas etiologias, técnicas de diagnóstico e tratamento. O interesse por tais desordens não é atual, mas remonta a períodos antigos. Na virada do séc. XIX para o séc. XX, a psicanálise deu importantes avanços na compreensão das patologias mentais, dando base para que novas correntes pudessem, por sua vez, dar também suas contribuições. Entre tais correntes está a psicologia analítica, criada por Jung, um discípulo de Freud e posteriormente dissidente. Jung apresenta uma visão acerca das psicopatologias que possui diversos graus de convergência com Freud, mas também pontos de desacordo. Entre os pontos de convergência podemos citar a relação das psicopatologias com o inconsciente, que se manifesta simbolicamente na forma de sintomas. Entretanto, para Jung há dois inconscientes, o pessoal e o coletivo, cada um tendo desdobramentos específicos na vida psíquica.

¹ Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Santíssima Trindade (FAST).

² Graduanda em Psicologia pela FAST.

³ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos e docente da SEEC/RN.

⁴ Psicólogo e mestre em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba, docente da FAST e analista em gestão educacional pela Gerência Regional de Educação da Mata Norte de Pernambuco. E-mail: renanpmaia@gmail.com



Artigo

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Psicanálise. Psicopatologia.

ABSTRACT - Psychopathology is one of the major fields of study within psychology, with the aim of understanding the nature of psychic disorders, their etiologies, diagnosis and treatment techniques. Interest in such disorders is not current, but goes back to ancient times. At the turn of the XIX to the XX century, psychoanalysis made important advances in the understanding of mental pathologies, providing the basis for new psychology trends to also make contributions. Among such trends is analytical psychology, created by Jung, a disciple of Freud and later dissident. Jung presents a vision about psychopathologies that has different degrees of convergence with Freud, but also points of disagreement. Among the points of convergence we can mention the relationship between psychopathologies and the unconscious, which manifests itself symbolically in the form of symptoms. However, for Jung there are two unconscious, the personal and the collective, each one having specific developments in psychic life.

Keywords: Analytical Psychology. Psychoanalysis. Psychopathology.

INTRODUÇÃO

Conforme compartilhado pelo conhecimento geral, a psicologia é uma área abrangente, que abarca diversas especializações e interesses, abrangendo desde a análise do comportamento individual até a compreensão da complexidade dos fenômenos sociais. No entanto, faz-se mister afirmar que o estudo das patologias mentais tem um papel singular e histórico na construção do conhecimento psicológico desde seus primórdios. De acordo com Braghirolli *et al.* (2002, p. 176), a psicopatologia é o campo dentro da psicologia que tem o encargo de investigar os fenômenos mentais patológicos



EMPREENDEDORISMO NA ENFERMAGEM: UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS
CONTEMPORÂNEAS PARA O PROFISSIONAL DA ENFERMAGEM

DOI: 10.29327/213319.23.4-8

Páginas 123 a 136

Artigo

e a personalidade desajustada, analisando o comportamento dito anormal⁵, sua origem, sintomas, dinâmica e possíveis abordagens terapêuticas.

A expressão “psicopatologia” é resultante da junção dos vocábulos gregos “*psique*”, que pode ser traduzido livremente como “mente” ou mesmo “alma” – na acepção de dimensão mais interior do ser humano –; “*pathos*”, traduzível como “afeto”, “afetação”, “paixão” ou mesmo “sofrimento”; e “*logos*”, que, dentre as várias traduções possíveis, podemos entender como “ciência”, “conhecimento” e “estudo”. Destarte, temos que a psicopatologia é o campo de estudo que buscar lançar luz sobre o sofrimento psíquico e, num sentido lato, estudar os transtornos mentais, bem como seus sintomas, etiologias e formas de tratamento (Deminco, 2018).

O interesse acerca da problemática das desordens psíquicas e sofrimentos que acometem o ser humano não é atual, mas remonta a períodos remotos da história da humanidade. Pode-se dizer que, no âmbito do conhecimento ocidental, é notória a contribuição de Hipócrates, com sua teoria dos quatro humores, como um dos primeiros grandes esforços no sentido de levar luz à questão das emoções e do sofrimento da alma. O referido pensador fala, por exemplo, daquilo que chama de melancolia. Conforme vemos no aforismo 23 da seção VI dos *Aforismos de Hipócrates* (Hipócrates, 1923), “se o medo e a tristeza muito tempo perseveram, é sinal de melancolia”. Messerschmidt (2020, p. 89) explica, citando Starobinski, que, na teoria hipocrática, quando em excesso, a chamada “bile negra”, considerada um dos quatro humores corporais além do sangue, da bile amarela e da pituíta, seria o elemento causador da melancolia. Tal condição acarretaria, para além dos sintomas psicológicos persistentes descritos em seu aforismo, também alguns outros, como epilepsia, loucura furiosa (mania), tristeza, lesões cutâneas etc. (Starobinski *apud* Messerschmidt, 2020, p. 89).

Conforme colocado em trabalho anterior nosso (*vide*: Silva, Santana e Maia, 2020, p. 1545), durante a Idade Média, tanto no período da patrística, influenciado pelo neoplatonismo, quanto no período da escolástica, influenciado pelo aristotelismo, a razão era considerada o elemento distintivo entre os seres humanos e os animais. Ela era vista como a chave para uma vida ordenada e virtuosa, que estava acima das paixões

⁵ Não se prescinda, aqui, de uma consideração – ainda que *en passant* - concernente às problematizações sobre as noções de “normal” e “anormal”, ou “normal” e “patológico”, tão susceptíveis às crenças e até mesmo preconceitos compartilhados socialmente.



Artigo

humanas, vistas como fatores originantes de sofrimento. Vale ressaltar aqui novamente a relação etimológica entre as palavras “paixão” (“*pathos*”) e “patologia”. O patológico ou o louco era entendido como o domínio das paixões sobre o ser humano, uma vez que a razão se mostra impotente nesse aspecto.

Com o advento da Renascença, ocorre também uma mudança de paradigma no tocante ao olhar sobre as desordens mentais. Podemos ver obras que, em tom satírico, colocam a loucura como o verdadeiro aspecto estruturante da natureza humana - posto que a razão é, na verdade, apenas uma pequena parcela desta – e, conseqüentemente, da sociedade em geral. Tal concepção é notória, por exemplo, no *Elogio da loucura*, de Erasmo (2020) e em representações pictóricas que mostram o profundo aspecto de desrazão presente no âmbito social, como temos na *Nau dos loucos*, de Hieronymous Bosch. Em certo sentido, este enfoque maior em aspectos irracionais e em desordens psíquicas do que no aspecto racional do ser humano antecipará em séculos o olhar trazido pela psicologia contemporânea em relação à importância da temática do sofrimento psíquico.

Ao longo do século XX, foram desenvolvidas diferentes abordagens psicológicas que se dedicaram a aprofundar o conhecimento sobre os transtornos mentais, tais como a psicanálise, o behaviorismo, a psicologia humanista e a psicologia transpessoal. Contudo, é crucial ressaltar a importância das contribuições de Freud ao explorar a normalidade e a patologia. A psicanálise foi, em certo sentido, pioneira em criar um sistema abrangente de explicação para as causas dos transtornos psicopatológicos e compreender seus sintomas, natureza, classificações, tratamentos e sua relação com a estrutura psíquica considerada normal.

Essa perspectiva pode ser observada em diversas obras do pensador austríaco, como *Psicopatologia da vida cotidiana* (Freud, 2020), *Neurose, psicose, perversão* (FREUD, 2016), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (Freud, 2017) e outras publicações relevantes. Tais obras demonstram o empenho de Freud em aprofundar a compreensão dos transtornos mentais, evidenciando a necessidade de considerar a normalidade e a patologia de forma conjunta.

Em que pese o fato de a contribuição de Freud para o conhecimento das psicopatologias ter sido extremamente importante, é mister ressaltar que outros teóricos também tiveram participações valiosas nesse âmbito. Tais teóricos não só revisitaram como também revisaram as teses psicanalíticas, inclusive durante a vida de Freud. Um exemplo significativo disso é a Psicologia Analítica, elaborada por Carl Gustav Jung,



Artigo

que, em um primeiro momento, foi discípulo de Freud, tendo se tornado dissidente em período posterior. É válido destacar que a Psicologia Analítica ainda é pouco abordada em âmbito nacional, em comparação com a frequência com que as ideias de Freud, Skinner, Rogers e outros pensadores são debatidas, o que justifica o presente estudo.

Tendo em mente esse contexto, o objetivo deste trabalho é oferecer uma modesta contribuição para o estudo da compreensão junguiana da psicopatologia, levando em conta também pontos de convergência e avanços relativamente à psicanálise. Com o intuito de alcançar esse objetivo, realizamos uma análise panorâmica e breve, explorando as principais concepções e linhas distintivas da ótica de Jung acerca das psicopatologias.

METODOLOGIA

O presente trabalho assumiu uma metodologia de revisão narrativa. Para tanto, optou-se por centrar as análises em obras do próprio Jung. As obras analisadas foram *Fundamentos da psicologia analítica* (Jung, 1972), *Símbolos da transformação* (Jung, 1989) e *Psicologia e religião oriental* (Jung, 1986). As obras de Jung citadas foram lidas e analisadas na íntegra e, após a leitura, foram selecionados trechos considerados mais relevantes acerca da temática proposta, os quais foram interpretados tanto à luz da totalidade das obras e do sistema psicológico proposto por Jung quanto à luz de obras de comentadores, as quais serviram de apoio. As obras utilizadas foram *O essencial da psicologia: Carl Gustav Jung (1875-1961)* (Varela, 2016), *Tauler e Jung: o caminho para o centro* (Silva e Lepargneur, 1997), *100 minutos para entender Jung* (Ortega, 2022) e o artigo *A psicopatologia na perspectiva de Carl Gustav Jung* (Padua e Serbena, 2019). Os trechos selecionados, tanto das obras de Jung quanto das obras de comentadores, foram utilizados para a construção da presente análise. Também foram incluídas passagens do segundo tomo da *Introdução à psicanálise* de Freud (1933) nas considerações feitas, ao se apontar os pontos de convergência e avanços relativamente à psicanálise, bem como do livreto *O que é psicanálise* (Cesarotto e Leite, 1987).



Artigo

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de iniciar a análise, é necessário compreender que Jung é considerado um dissidente relativamente à psicanálise. Ele apresentou tanto pontos de acordo como de desacordo em relação a Freud. Exemplo de convergência é sua visão sobre a relação entre as psicopatologias e o inconsciente. Jung acreditava que existe uma ligação fundamental entre esses dois elementos. Conforme apontado por Padua e Serbena (2019, p. 7), o termo "inconsciente" refere-se a processos mentais e fisiológicos que passam despercebidos por nossa consciência. É uma parte incógnita de nossa estrutura psíquica que influencia nossas cognições, afetos e comportamentos. Conforme colocam Cesarotto e Leite:

A partir do momento em que foi formulado, no fim do século XIX, o inconsciente impôs uma mudança radical na concepção que o homem tinha de si mesmo: não era mais “amo na sua própria casa”, significando isso que o indivíduo não tem o total domínio do seu psiquismo, por ser sempre desconhecedor dos seus desejos (Cesarotto e Leite, 1987, p. 13).

Todavia, - importa destacar – a forma como Jung entende o inconsciente difere da visão de Freud. Para o pai da psicanálise, o inconsciente se compõe principalmente de conteúdos reprimidos de natureza sexual. Para Jung, por seu turno, ele é muito mais abrangente e inclui elementos coletivos, como imagens arquetípicas compartilhadas pela humanidade em todos os tempos e que podem, por isso mesmo, ser verificados ao nos debruçarmos sobre a própria história quanto nos estudos dos mitos. Acerca da relação entre a psicologia e a história, enquanto campos de estudo, diz Jung no prefácio da terceira edição da obra *Símbolos da transformação*:

A psicologia não pode prescindir da contribuição das ciências do espírito, sobretudo da história do espírito humano. É sobretudo a história que hoje nos permite coordenar a imensa quantidade de material empírico e reconhecer a importância funcional dos conteúdos coletivos do inconsciente. A psique não é uma coisa dada, imutável, mas um produto de sua história em marcha (Jung, 1989, p. XIX).



Artigo

E, mais adiante, na introdução à mesma obra, afirma:

[...] parece-me indiscutivelmente necessário ampliar a análise dos problemas individuais pelo acréscimo de material histórico, o que FREUD já tentou em seu trabalho sobre *Leonardo da Vinci*. Pois, assim como os conhecimentos psicológicos facilitam a compreensão de acontecimentos históricos, inversamente também fatos históricos podem lançar nova luz sobre conjunturas psicológicas individuais (Jung, *ibidem*, p. 5).

Já no que toca a relação dos mitos com a psicologia, tão presente nas obras de Freud – como o ilustra sua teoria acerca do complexo de Édipo, inspirada na obra de Sófocles – e de Jung, este a aborda tendo em vista serem os mitos a manifestação de conteúdos do inconsciente coletivo. Assim diz, ainda em *Símbolos da transformação*, no prefácio à quarta edição:

O mito é aquilo a que se refere um dos Santos Padres: “Quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est” [Aquilo que é acreditado em toda parte, sempre e por todos], portanto, aquele que pensa viver sem mito ou fora dele, constitui uma exceção. Ele é, na verdade, um erradicado, que não tem contato verdadeiro nem com o passado, a vida dos ancestrais (que sempre vive em seu seio), nem com a sociedade humana do presente (Jung, 1989, p. XV).

Nota-se, destarte, que o inconsciente é, para Jung, algo mais do que o simples inconsciente individual, conforme considera Freud. Essa diferença de percepção entre os dois teóricos trouxe consideráveis divergências entre a psicanálise e a psicologia analítica, em que pesem os pontos de encontro. Como diz Ortega:

Um dos principais pontos de divergência entre a psicanálise e a psicologia analítica são as concepções sobre o inconsciente. Para Freud, tratava-se de uma instância psíquica em que as pessoas depositam seus traumas, protegendo a parte consciente da própria mente consciente. Para Jung, havia um inconsciente pessoal e outro coletivo, este abarcando todas as experiências que as pessoas



Artigo

vivenciam ao longo dos séculos e compartilham entre outros seres humanos (Ortega, 2022. p. 39-40).

Essa distinção de dois inconscientes fica-nos clara, por exemplo, na obra *Fundamentos de psicologia analítica*, em que diz:

Apesar de os elementos inconscientes não serem diretamente observáveis, podemos classificar seus produtos, que atingem os domínios da consciência, em duas espécies: a primeira contém material reconhecível, de origem definidamente pessoal; são aquisições do indivíduo ou produtos de processos instintivos que completam, inteiram a personalidade. Há ainda os conteúdos esquecidos ou reprimidos, mais os dados criativos. Nada existe de natureza particular, em tais fatores. Em outras pessoas os elementos a que nos estamos referindo podem ser conscientes; muita gente está consciente de coisas que outras ignoram. Dei a essa classe de dados o nome de mente *subconsciente* ou *inconsciente pessoal*, porque, dentro dos limites do nosso julgamento, creio ser tal camada inteiramente composta de elementos pessoais e componentes da inteireza da personalidade humana. A seguir há uma outra classe de dados, cuja origem é totalmente desconhecida, ou pelo menos, tais fatores têm origem que não pode em hipótese alguma ser atribuída a aquisições individuais. Sua particularidade mais inerente é o caráter mítico. É como se pertencesse à humanidade em geral, e não a uma determinada psique individual (Jung, 1972, p. 59).

Isso posto, cabe a questão acerca da importância deste inconsciente, de caráter coletivo e que se manifesta na história e nos mitos de todos os tempos, para a temática em questão, isto é, as psicopatologias. Segundo Varela (2016, p. 143), “para o junguiano, a doença é uma comunicação simbólica do inconsciente e indica onde o paciente emperrou nos seus esforços de satisfazer as demandas do programa arquetípico da vida”. Assim considerando, à primeira vista, Jung não parece um tão forte dissidente em relação a Freud, que já apontava que o inconsciente possui uma relação simbólica com a formação de sintomas, assim como também possui tal relação com os sonhos. Em sua *Introdução à psicanálise*, diz o pensador austríaco:



Artigo

[...] enquanto a psiquiatria não se preocupa com o modo de manifestação e o conteúdo de cada sintoma, a psicanálise volta toda a sua atenção a um e outro, e conseguiu estabelecer que cada sintoma tem sentido e se relaciona estreitamente com a vida psíquica do doente. [...] Os sintomas neuróticos têm portanto seu sentido, exatamente como os atos falhados e os sonhos; como estes, estão em relação com a vida das pessoas que os apresentam (Freud, 1933, p. 23-24).

Já em relação a Jung, novamente Ortega coloca que ele,

[...] com a publicação das obras *Psicologia do Inconsciente*, em 1911, e no ano seguinte, *Transformações e Símbolos da Libido*, definiu que tanto o inconsciente pessoal quanto o coletivo podem se manifestar por meio de inúmeras produções de caráter simbólico. Alguns deles são: a comunicação onírica (material contido em sonhos), produção expressiva (rabiscos, desenhos, pinturas, colagens e quaisquer outras produções plásticas), disfunções psicossomáticas (transtornos da mente que se manifestam por meio de sintomas pelo corpo) ou imagens mentais (Ortega, *op. cit.*, p. 52-53).

Isso significa que, a despeito deste ponto de encontro a respeito do simbolismo do sintoma psicopatológico e sua relação profunda com o inconsciente, faz-se mister reforçar que Jung fala do inconsciente tanto no sentido pessoal como no sentido coletivo, ambos os inconscientes tendo desdobramentos na explicação etiológica das psicopatologias. Em que pese o fato de o inconsciente individual, assim como na teoria de Freud, desempenhar papel crucial na explicação da origem das desordens mentais, é, todavia, no inconsciente coletivo que estão presentes os padrões arquetípicos, constantes na teoria de Jung, que são de fundamental importância para a realização do indivíduo no plano existencial. Ainda segundo Varela (*op. cit.*, p. 99-100), os arquétipos são memórias das experiências dos nossos primeiros ancestrais que atuam dentro da psique, e que utilizamos para organizar e compreender as nossas próprias vidas e experiências pessoais.

Como se depreende, diferentes elementos se entrelaçam no contexto das psicopatologias: consciência, inconsciente individual e inconsciente coletivo,



Artigo

reforçando ainda o importante ponto de encontro com Freud – ainda que com nítidas divergências – acerca da relação entre o inconsciente, as psicopatologias e os sonhos, como vemos na supracitada obra *Fundamentos de psicologia analítica* (Jung, 1972). Como bem apontam, em ressalva, Padua e Serbena (2019, p. 3), não se trata de negar a influência dos fatores orgânicos na etiologias das doenças mentais, mas sim, sugerir um olhar psicológico para estes fenômenos.

Outra concordância em relação à psicanálise é a classificação das perturbações mentais em tipos como neuroses e psicoses. Contudo, a explicação também conta com suas próprias particularidades. Sobre o que são neuroses e psicoses, Jung diz:

a neurose é uma dissociação da personalidade devido à existência de complexos. Ter complexos é, em si, normal; mas se os complexos são incompatíveis, a parte da personalidade que é por demais contrária à parte consciente se separa. E se a fissura atingir a estrutura orgânica, a dissociação será uma psicose, uma condição esquizofrênica, como o termo pode denotar. Então cada complexo passa a ter a vida própria e isolada, sem que a personalidade possa uni-los. Os complexos divididos, por serem inconscientes, encontram apenas meios indiretos de expressão, ou seja, através de sintomas neuróticos. Ao invés de sofrer um conflito psicológico, a pessoa sofre de neurose. Qualquer incompatibilidade de personalidade pode causar dissociação e uma separação muito grande entre o pensamento e o sentimento, por exemplo, já constitui uma ligeira neurose. Quando não nos sentimos totalmente equilibrados em relação a um determinado assunto, aproximamo-nos da condição neurótica. A ideia de dissociação psíquica é a maneira mais segura com que consigo definir a neurose (Jung, 1972, p.212).

Sobre o mesmo tema, na *Simbolos da transformação*, diz, por sua vez:

as neuroses são doenças originárias de diversas funções do organismo, caracterizadas por uma alteração das partes superiores destas funções, retidas em sua evolução, em sua adaptação ao momento presente, ao estado presente do mundo exterior e do indivíduo (Jung, 1989, p. 19).



Artigo

Conforme é evidenciado pelas duas referências anteriores, os transtornos psicológicos estão relacionados a uma falha no desenvolvimento mental e aos conflitos internos que surgem no indivíduo. Esses conflitos são de natureza regulatória, compensatória e substitutiva, ou seja, a mente busca compensar o conflito estabelecendo neurose como uma forma de autorregulação. Quando ocorre uma divisão estrutural da mente, temos um quadro psicótico. Concernentemente a esta forma de autorregulação, diz Jung:

Não sou totalmente pessimista em relação a uma neurose. Em muitos casos deveríamos dizer: <<graças a Deus ele decidiu ficar neurótico>>. Essa é uma tentativa de autocura, bem como qualquer doença física também o é. Não se pode entender a doença como um *ens per se*, como uma coisa desenraizada, como há alguma tempo atrás se julgava que fosse. A medicina moderna, a clínica, por exemplo, concebe a doença como um composto de fatores prejudiciais e de elementos que levam à cura. O mesmo se dá com a neurose, que é uma tentativa do sistema psíquico auto-regulador de restaurar o equilíbrio, que em nada difere da função dos sonhos, sendo que apenas mais drástica e pressionadora (Jung, 1972, p. 214).

É importante ressaltar que a explicação anteriormente apresentada é apenas uma visão geral e não considera todas as variáveis envolvidas. No contexto da teoria de Jung há diversas outras influências que podem estar relacionadas às neuroses e psicopatologias em geral, assim como ao desenvolvimento integral da pessoa. Quando esse desenvolvimento é interrompido ou encontra obstáculos, a psicopatologia pode emergir.

Além das questões mencionadas anteriormente, como as questões existenciais – mencionadas por Varela (2016, p. 145), é importante também considerar a espiritualidade como mantendo uma relação com a saúde mental. Jung abordou essa questão em sua obra *Psicologia e Religião Oriental* (Jung, 1986). Uma obra de comentadores que também explora este ponto é o livro *Tauler e Jung: o caminho para o centro* (Silva e Lepargneur, 1997), no qual são exploradas as relações entre os ensinamentos do místico medieval João Tauler e as teorias de Jung. Segundo Ortega (*op. cit.*, p. 39), “as questões espirituais, para Jung, merecem o mesmo rigor científico em



Artigo

suas investigações e em sua conseqüente produção de conhecimento”. A mesma comentadora pontua que

Carl Jung [...] não escondeu suas fontes de pesquisa sobre esoterismo, misticismo, religiões, lendas e mitos. Esse é um dos motivos pelos quais, nos dias atuais, a teoria junguiana vem ganhando novas perspectivas (Ortega, 2022, p. 123).

Assim, é possível concluir que a abordagem de Jung em relação às psicopatologias não se limita apenas a fatores psicológicos, mas também considera elementos existenciais, espirituais e religiosos que podem ter um impacto significativo na saúde mental das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, nota-se que as psicopatologias em Jung incluem diversos elementos. Os principais deles mencionados neste estudo são a conexão com o inconsciente, com os sonhos, com os complexos e conflitos e com a função auto-reguladora da mente. Também foi possível identificar pontos de acordo e desacordo em relação à psicanálise, comparações essas que são necessárias, uma vez que a psicologia analítica surge como uma dissidência da psicanálise.

Obviamente, este estudo está longe de esgotar o assunto. Muitos outros conceitos introduzidos por Jung ainda poderiam ser considerados em um estudo mais abrangente, tanto em relação às desordens psíquicas quanto ao seu equivalente, o bem-estar mental. Podemos citar, por exemplo, a relação entre o ego e o si-mesmo, um conceito que está presente em toda a obra de Jung, a relação *animus-anima* e a questão da integração do aspecto sombrio da pessoa em sua totalidade pessoal.

Por fim, cabe dizer que o tratamento dado à visão de Jung sobre a temática foi em caracteres gerais, e que Jung, embora coloque as psicopatologias como estando não raro relacionadas ao inconsciente coletivo, não deixa de levar em conta aspectos individuais. Como colocam ainda Padua e Serbena (*op. cit.*, p. 4), a compreensão das psicopatologias implica em conhecer a história e as experiências individuais, ou seja, conhecer o conteúdo dos complexos, colocando ainda que o tratamento das psicopatologias, que são oriundas



Artigo

de experiências pessoais, é individual.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRAGHIROLI, E. M. **Psicologia geral**. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CESAROTTO, O.; LEITE, M. P. S. **O que é psicanálise**. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1987.

DEMINCO, Marcus. **Psicopatologia: Definições, Conceitos, Teorias e Práticas**. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1200.pdf>>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

ERASMO. Elogio da Loucura. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/erasmo.pdf>> Acesso em 12 de junho de 2020

FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. São Paulo: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. **Introdução à psicanálise. Tomo II**. Coleção Obras Completas de Sigmund Freud, Volume XIII. Tradução de Elias Davidovich. Rio de Janeiro, RJ: Editora Delta, 1933.

HIPÓCRATES. Aforismos de Hipócrates em latín y castellano. Trad. García Suelto. 7. ed. Barcelona: Editorial Pubul, 1923.

FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. São Paulo: Autêntica Editora, 2016.



Artigo

FREUD, S. **Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana**. São Paulo: RBE, 2020.

JUNG, C. G. **Fundamentos da psicologia analítica**. Petrópolis, RJ: 1972.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião oriental**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: 1986.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: 1989.

MESSERSCHMIDT, M. L. Pensar a melancolia: dos humores de Hipócrates ao pessimismo revolucionário de Walter Benjamin. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 20, n. 2, p. 88-98, 2020.

PADUA, E. S. P. de; SERBENA, C. A. A psicopatologia na perspectiva de Carl Gustav Jung. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 35, n. 90, 2019.

ORTEGA, N. **100 minutos para entender Jung**. Coleção Saberes. 2ª ed. Bauru, SP: Astral Cultural, 2022.

SILVA, D. F.; LEPARGNEUR, H. **Tauler e Jung: o caminho para o centro**. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVA, K. C. M.; SANTANA, K. G. S.; MAIA, R. P. Visões sobre a loucura no *Elogio da loucura* de Erasmo de Rotterdam. In: **Semana Científica do Agreste de Pernambuco**. n. 2. Garanhuns, PE: Universidade de Pernambuco, 2020.

VARELA, E. **O essencial da psicologia: Carl Gustav Jung (1875-1961)**. São Paulo: Hunter Books, 2016.

